quattro
GALERIA

Rua Cidade de Tokushima, Lote 1-1 | 2400-119 - Leiria
Tel.: 244 836022 - Fax: 244 835254
geral@galeriaquattro.net | www.quattrogaleria.com

FRONTEIRAS DECISIVAS

A caminho do mercado de Alvalade. Na praceta ajardinada, onde brincam grupos de crianças, respira-se uma serenidade clássica. A Mariana vem ao meu encontro para me conduzir até ao seu estúdio partilhado. Fica inserido no espaço onde o colorido dos peixes, das carnes, dos legumes e das frutas se mistura com o bulício humano próprio daquela actividade matutina. Cenário de filme neo-realista. Em *off*, não esquecer que um pargo médio custa os olhos da cara. Arte e linguagem, a polémica das estéticas foram alguns dos temas abordados na nossa conversa com derivações pelo percurso da artista. Gostos, sentimentos, experiências vivenciais, influências, idiossincrasias. Enfim, as suas motivações vitais.

Um *Flash.* Evoco a série *Everything is said* do artista americano *John Miller* onde retrata pessoas em reality shows de TV como o *Preço Certo* e outros programas com pessoas a chorar frente às câmaras. Rostos em tons de ferrugem contra fundos simples. Num subgénero da realidade, o figurativo aqui funciona como uma espécie de dispositivo retórico. É uma chamada de atenção para o sintoma de um comportamento contemporâneo, the insanity of place.

Mariana Duarte Santos não frequenta exactamente essa praia, mas anda por aí. Longe do lado radicalmente conceptual de Miller, aposta na street art, nos murais gigantes, nas frames retiradas de filmes *noir* e séries de televisão antigas. No recurso inteligente e fecundo a uma iconografia televisiva e cinematográfica reconhecível. Trata-se de eventos descritivos com o aliciante de especiarias psicológicas e a sua concomitante subversão. O prodígio surge como essência própria do real na sua agudeza crítica.

O que é a arte? Mais do que pinceladas e cores. A dinâmica da criação artística tem a ver com as intuições que recebemos em formas de visões, vozes interiores, epifanias, iluminações. E, já agora, com o pensamento que se vai estruturando no plano superior do espírito. Citando Braque: “A arte é feita para perturbar.”. Todas as coisas estão sujeitas a mutações e metamorfoses em movimento perpétuo. Apreciar a inventiva metafórica, aquilo que está oculto numa espécie de neblina e se intui num olhar, num simples gesto. Na intensidade das narrativas. Na busca das fronteiras decisivas.

A conversa flui espontânea. Música, na versão gravada, em ruído de fundo. Sem se sobrepor às palavras acutilantes de *Mariana* que alude à postura dos rockers dos anos 70. Desenhou os rostos dos seus heróis, alguns deles rotulados de *beautiful loosers*. Excluindo o recurso poético, prefiro o pendor iconoclasta. “As letras eram boas, contestavam o sistema”, sublinha. Influenciada pelo cinema e a literatura, exprime-se através de variadíssimas técnicas no seu trabalho pontuado por um certo furor interventivo camuflado. Pintura a óleo e acrílico, desenhos a esferográfica, nanquim e aguarela ao serviço de um universo encenado.

Nascida em 1995, *Mariana Duarte Santos* estudou na Escola António Arroios e formou-se em Artes Plásticas no ARCO. Apesar da sua juventude, tem já um currículo significativo. Participou em exposições no Reino Unido, Espanha, Irlanda e Estados Unidos. Reconhece-se numa arte de rigor figurativo ao serviço da natureza da

Rua Cidade de Tokushima, Lote 1-1 | 2400-119 - Leiria
Tel.: 244 836022 - Fax: 244 835254
geral@galeriaquattro.net | www.quattrogaleria.com

própria imagem. Artifícios, habilidades, truques fáceis não constam do seu léxico. Gosta de fazer retratos de pessoas, mas exclui as "belezas óbvias ou convencionais". E, afrontando o protagonismo dos estereótipos sociais dá o exemplo de um homem que considera bonito. Trata-se de *Keith Richards* que não corresponde, de modo nenhum, aos padrões estéticos vigentes. E sempre se borrifou para as "virtudes" propagadas pela ordem estabelecida.

Afinal o que é a beleza? Um sentimento acrítico. O dandy de *Beaudelaire* usa a beleza como meio de confronto estético. É uma maneira de derrotar os aristocratas no seu próprio jogo. *Beautiful as a trap*. A lógica da pose, necessária à afirmação narcísica ou social, não impressiona Mariana que na escolha das frames prefere realçar os actores secundários como *John Anderson* ou o magnifico *Howard Duff* que ilustra o livro de artista que ela está a fazer. Um coadjuvante do filme *Brute Force*, protagonizado por *Burt Lencaster* e realizado por *Jules Dassin* que foi listado como subversivo na perseguição aos simpatizantes do comunismo em Hollywood. Na época negra do macarthismo.

Impedido de fazer filmes, Dassin deixou os Estados Unidos, casou com *Melina Mercuri* e viveu muitos anos na Grécia. *Howard Duff* também foi perseguido e afastado dos ecrãs. Ainda conseguiu nos programas radiofónicos o papel do detective *Sam Spade*, o personagem criada pelo escritor *Dashiell Hammett* que se recusou a colaborar com o sinistro Comité das Actividades Anti-Americanas. Foi preso e morreu praticamente na pobreza.

Ah, a poesia. Força incandescente, um acto vital. A pergunta é: donde vêm as fulgurações? Talvez das gerações batidas que foram altamente polarizadoras. Mariana não se identifica com a sua geração. Tem uma visão do mundo diferente. Defende a livre expressão do pensamento e da vivência, recusa ditames que se traduzem na imposição de modas. Dai que a ética da sua criação artística seja sustentada por filmes de ficção científica, a imaginação do futuro a carburar, literatura de *James Joyce*, contos de *Fly O`Brien* e talvez um pouco do non sense de *Samuel Beckett*. Sobretudo, daquela trindade dos grandes escritores irlandeses.

Mariana Duarte Santos aparenta ser uma pessoa visceral, muito prosaica, muito prática, muito chão. Nada dada na sua arte a delírios decorativos. Denota um aplicado saber oficinal. Precisando melhor: virtuosismo e agilíssima inspiração. Persegue uma certa ideia de personagens desesperados, maiores do que a vida, inseridos no seio de intrigas retorcidas onde aflora um mistério fora de alcance. Daí a sua escolha incidir em actores camaleónicos capazes de interpretar qualquer papel. Na estrutura formal assoma um olhar sensível e carregado de algo muito clássico. Nostalgia? As figuras transportam todo o magma da comédia humana. Não deixam grande margem para ambiguidades. Potenciando grandes vínculos entre ficção e realidade, esta gente existe. E resiste à vertigem do tempo.

Conjecturas.

Lourdes Féria